

ARTES VISUAIS / EXPOSIÇÃO

28.02.2025

03.05.2025

**MASSA
DE MASSAS**

ELISABETE GONÇALVES

LIVRARIA ZÉ DOS BOIS RUA DA BARROCA, 57

SEGUNDA A SÁBADO 18H ÀS 22H

ZEDOSBOIS.ORG

A ZDB É FINANCIADA PELA REPÚBLICA PORTUGUESA —
CULTURA / DIRECÇÃO GERAL DAS ARTES E TEM O APOIO DA C.M.L.E
DO INSTITUTO DE GESTÃO FINANCEIRA DA SEGURANÇA SOCIAL.

Pão é alimento, partilha, comunidade, luta. É um dos símbolos mais universais da nossa história, capaz de evocar tanto e, ao mesmo tempo, resultar da mais simples receita: água, farinha, sal e fermento, como nos lembra B Fachada. Padeirinha foi uma das músicas que enviei à Elisabete durante o processo de construção desta exposição. Dessa partilha nasceram muitas outras trocas de referências e conversas empenhadas sobre as nossas preocupações, frustrações e expectativas.

A Elisabete falou-me da história do “Papa do Pão”, mais precisamente de Vítor Moreira, o padeiro que, durante o Estado Novo, na sequência das medidas de Salazar para compensar o aumento do preço dos cereais e limitar as importações, encontrou uma solução engenhosa para a redução do peso do pão sem alterar o seu preço. Ao aplicar uma fenda ao longo da carcaça, aumentava a superfície exposta ao calor, potenciando a expansão da massa e, assim, criando mais pão com menos peso*.

As conversas estenderam-se para além do pão enquanto objeto. Falámos sobre Catarina Eufémia, a ceifeira de Portugal, cuja última reivindicação foi por pão; do pintor José Dias Coelho; da avó da Elisabete, que mesmo sem dentes gostava de pão; dos cultos e expressões em torno do pão; da paz, (do pão), habitação, da saúde e da educação. Falámos também do clima, da imigração e do que significa viver dentro desta bolha cultural que, por um lado, nos protege das visões mais negativas, mas, por outro, nos expõe a tantas fragilidades.

Embora o pão seja o elemento central desta instalação—resultado das explorações recentes da artista com esta matéria e a sua utilização em escultura—o verdadeiro mote veio das suas reflexões sobre a fome: a fome da arte e do artista. Por um lado, a necessidade visceral de criar e inscrever-se na própria obra; por outro, a urgência de compreender e interrogar a própria condição e a dos que percorreram caminhos semelhantes. A criação surge, assim, como um meio de denúncia e resistência, materializando-se numa construção coletiva, numa massa que se expande e transforma. O pão é alimento, partilha, comunidade, luta, tal como a exposição que Elisabete Gonçalves aqui apresenta.

*Ver o artigo “Carcaça” de Frederico Duarte no jornal Público a 25 de Setembro de 2011.

Joana Leão

Obras, corpos nossos escavados a pincel
Que viram as costas ao espelho
Que seja forte a resistência na escuridão da humanidade
Que semeia o pão para colher para si a fome
A fome que se aprofunda em si mesma
Nas famélicas migalhas
Mastigar as forças dos moinhos
Renasce assim a inquietação
Até nos mortos
Que plantam ao redor dos fornos dos vivos
Esculpir a multiplicação da comoção
Derramar encontros para ver as cores do original
Para então nos habituarmos ao momento de respirar sem
bolor

Elisabete Gonçalves

Altar, 2025

Poemas, 2025

Lugar, 2025

Ferramenta, 2025

Massa, 2024

Fome, 2025

Água, farinha, corpo, fogo

Curadoria: Joana Leão

Ambiente Sonoro: Diogo Melo

Comunicação: Catarina Rebelo

Design Gráfico: Maria Clara Lima

Montagem: Carlos Gaspar e Vitaly Tkachuk

Agradecimentos

Aos mortos: Celan, Lispector, Kafka, Kropotkin

Aos vivos: Marta, Tiago, Pupoila e Alex pelas observações